

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
ARQUITETURA E URBANISMO

Nome do aluno(a): Gabriela Moraes Gomes

Virginia C. L. B. Caldas

Orientador(a): Renan Medau e Sérgio Ricardo Lessa Ortiz

**O CONCEITO DE *PLACEMAKING* APLICADO AOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE
SÃO PAULO**

RESUMO

Este artigo discute as implicações administrativas que permeiam a concepção dos espaços públicos de São Paulo através do entendimento dos tipos de iniciativas que atuam na cidade. Partindo da problemática que envolve a manutenção desses espaços majoritariamente dependentes das esferas públicas, o presente estudo introduz o conceito de *placemaking* como uma das ferramentas para a transformação e requalificação desses locais. Através de estudos de caso, a pesquisa analisa e compara o impacto e os resultados da aplicação dessa ideia em duas praças paulistanas.

Palavras-chave: *Placemaking*. Espaço público. Gestão colaborativa. São Paulo. Praça Horácio Sabino. Praça Victor Civitá.

ABSTRACT

This article discusses the administrative implications that permeate the conception of the public spaces in São Paulo through the understanding of the types of initiatives that operate in the city. Starting from the problematic that involves the maintenance of these spaces, highly dependent on the Public Spheres, the present study introduces the concept of *placemaking* as one of the tools for the transformation and requalification of these places. Through case studies, the research analyzes and compares the impact and the results of the application of this idea in two squares of São Paulo.

Keywords: *Placemaking*. Public spaces. Collaborative administration. Sao Paulo. Horacio Sabino Square. Victor Civitá Square.

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos de uma cidade assumem papéis essenciais para as relações humanas. É na sua configuração que as dinâmicas das cidades são estabelecidas pois são locais em que as pessoas podem, efetivamente, exercer suas atividades cotidianas mais fundamentais. Esses lugares abrangem, mais que aspectos sociais e ambientais, os limites e as possibilidades vitais para planejamento urbano. São verdadeiros palcos dos encontros, das trocas e das experiências humanas.

A autora Jane Jacobs (1961), cita que as cidades têm a capacidade de fornecer algo para todos apenas quando esse algo é criado em conjunto. Tal citação foi um dos norteadores da criação do conceito de *placemaking* (“fazer lugares”, em tradução livre), que representa uma forma de planejamento e gestão do espaço público com a participação da comunidade baseada na identidade, características próprias do local e das pessoas que ali convivem, propondo sua transformação de maneira criativa, relacionando as necessidades e desejos aos sentimentos de pertencer e cuidar.

Atualmente, poucas cidades brasileiras tem a tradição debater o significado e a participação direta das comunidades na administração desses espaços. Assim, o conceito de *placemaking* pode assumir o papel de ferramenta para auxiliar na compreensão e solução dos principais desafios desses espaços de uso comum.

A seguinte pesquisa pretende entender, analisar e comparar as gestões dos espaços públicos brasileiros, especificamente na cidade de São Paulo, de modo a correlacionar o conceito de *placemaking* à reativação e reestruturação desses locais, contextualizando sua aplicação aos estudos de caso das praças Horácio Sabino e Victor Civitá.

1. O CONCEITO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Para Oliveira e Pisani (2017), são considerados espaços públicos aqueles que possibilitam o encontro social coletivo, podendo assim ser locais abertos como ruas, calçadas, praças, parques e também edificações construídas como centros esportivos, comerciais, culturais, educacionais e até religiosos.

Já Hertzberger (1999), correlaciona o termo à sua oposição, o espaço privado:

Os conceitos de “público” e “privado” podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de “coletivo” e “individual”. Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privado é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la. (HERTZBERGER, 1999, p.12)

Assim, esses espaços compreendem uma série de qualidades espaciais que estabelecem um controle ou não de acesso e responsabilidade. Entretanto, algumas demarcações territoriais são tão sutis que geram dificuldade na sua identificação. Estas, podem ser exemplificadas por estações de transporte públicos ou terreos livres de edifícios que dão possibilidades de acesso a um público além dos proprietários e usuários, geralmente, em horários pré-estipulados. (HERTZBERGER, 1999).

Segundo Calliari (2014), o entendimento destes espaços de convivência envolve também estudos sociais acerca das relações humanas. Para o autor, um indivíduo ganha capacidade de compreensão sobre si mesmo ao conviver com os diferentes e também adota padrões de comportamentos a medida que a concordância coletiva define ser adequados.

Jan Gehl (2015) contribui para os estudos desses espaços no que se diz respeito ao modo como foram planejados. Segundo o autor, a dimensão humana foi esquecida no planejamento das cidades durante décadas, principalmente devido à mudança de paradigmas do que era considerado prioridade na expansão da vida urbana.

1.1 Contextualização dos espaços públicos de São Paulo

Para o entendimento da configuração desses espaços em São Paulo nos dias de hoje, é interessante que seja analisado tanto a forma como são articulados os espaços livres, como também as cidades.

Segundo o autor Vladimir Bartalini (1986), os espaços livres e áreas verdes de uma cidade podem ser agrupados em três conjuntos: os valores visuais e paisagísticos, os valores recreativos e os valores ambientais. Apesar de terem características diferentes, essas funções não devem ser excludentes entre si já que sua interligação enriquece a construção desses espaços.

A partir da visão de Bartalini (1986), os valores visuais e paisagísticos de um local estão correlacionados a sua identidade. Eles tornam-se importantes referências e vínculos simbólicos para a população através da organização dos diversos elementos que o compõem. Exemplos desses valores podem ser os pontos de encontros tradicionais de uma cidade, como uma determinada rua, um sítio histórico e até mesmo um elemento da paisagem natural.

Já os valores recreativos estão atrelados a definição do uso e das atividades oferecidas nos espaços livres, que devem sempre levar em consideração o atendimento às diversas escalas e peculiaridades sociais, econômicas e culturais dos seus usuários, para satisfazer as diferentes necessidades.

Por fim, os valores ambientais agregam a preservação da qualidade do meio ambiente. Ao protegermos os cursos d'água, copas de árvores e todos os sistemas naturais desses espaços, ajudamos também na melhora de diversos aspectos da vida urbana, como por exemplo o conforto térmico e a proteção do solo.

Deste modo, a concepção da formação de um espaço livre, antes de mais nada, está associada aos valores que compõe sua paisagem. Estes, devem sempre que possível ser indissociáveis para garantir um bom desempenho. A exemplo, um parque urbano pode além de ser uma grande referência de recreação numa cidade, uma área de preservação do meio ambiente importante, mas ao mesmo tempo, se não tiver alguns elementos visuais interessantes, pode tornar-se pouco atrativo e pouco utilizado.

Já a organização espacial dos espaços urbanos, segundo Roberto Lobato Corrêa (2000), são cenários fragmentados e articulados que refletem e condicionam socialmente um conjunto de símbolos e campos de luta. Estes, são produzidos por agentes que, apesar de terem diferentes interesses, interferem juntos diretamente na composição total do espaço. São eles os Proprietários dos Meios de Produção; os Proprietários Fundiários; os Promotores Imobiliários, grupo atuante da iniciativa privada; os Grupos Sociais Excluídos, que compõem a sociedade civil e também o Estado, que faz a administração pública.

Os espaços geridos somente pelo Estado são grande maioria nas cidades brasileiras. Baseando-se na definição de Höfling (2001), considera-se nesse estudo o Estado como sendo um conjunto de instituições permanentes – como órgãos legislativos e

judiciários, por exemplo – que possibilitam a ação de programas e projetos de um governo – composto por um grupo civil de determinada orientação política – em um período estabelecido.

Assim, todas as ações adotadas por esse poder estarão vinculadas à ideologia assumida pelo seu governo vigente, que pode ser mais ou menos intervencionista na tomada de diversas decisões, inclusive vinculadas aos espaços públicos. Deste modo, podemos entender que a política adotada hoje pelo Estado, representado no contexto da cidade de São Paulo pela sua Prefeitura Municipal, é responsável por gerir os recursos e políticas que serão aplicadas em grande parte de suas praças, parques, calçadas e ruas.

A partir de uma análise qualitativa da presente pesquisa, contata-se que muitos desses espaços públicos ainda são considerados pouco convidativos e malcuidados. Seus principais problemas estão atrelados à falta de segurança, ao desconforto climático, a quantidade de lixo e falta de desenho urbano coerente às necessidades locais. Ou seja, dentre as diversas pautas da gestão pública, não há destinação suficiente de verbas para a manutenção desses lugares, o que pode fomentar o entendimento de que este órgão fracasse em seu papel administrativo, cultivando consequentemente ideias de que possíveis privatizações¹ poderiam ser soluções mais eficazes.

Simultaneamente, as cidades brasileiras são compostas por locais de iniciativa privada cujas transições são tão sutis que dificultam o entendimento do que é de fato domínio público e propriedade privada. Apesar de não serem genuinamente espaços de livre acesso – como são considerados os espaços públicos – são construções muito interessantes para a composição do cenário urbano como um todo. Afinal, retomando a ideia de Corrêa (2000), uma cidade é composta por diversos agentes e sua coexistência pode auxiliar na mediação dos conflitos urbanos.

Os espaços de iniciativa privada acontecem quando são criados e mantidos por ela, como por exemplo, construções de uso privado que cedem seus térreos para a cidade com praças, espaços estáticos e sombreamentos, sendo esses um dos recortes mais

¹ Por privatizações, considera-se a definição de Brito e Silveira (2005) como modelos que implicam a alienação de ativos públicos ao setor privado.

comuns que ilustram estas gestões. Estes cenários, porém, estarão constantemente condicionados ao período de interesse de seus administradores, que podem ou não garantir a sua continuidade de acesso público e também zeladoria.

Os estímulos a esse tipo de propostas podem ser encontrados tanto em legislações urbanas bem estruturadas – que dependem da ação do Estado – quanto em partidos de projetos arquitetônicos interessantes, provenientes principalmente do interesse dos agentes Promotores Imobiliários. Em São Paulo, incentivos dessa natureza estão inclusos nas propostas do Plano Diretor Estratégico vigente, aprovado em 2014.

As parcerias público-privadas, conhecidas pela sigla PPP, são também modelos cada vez mais comuns em São Paulo. Segundo Brito e Silveira (2005) essas concessões ganharam força na década de 1980, com pioneirismo dos líderes britânicos e norte-americanos, servindo como uma alternativa para viabilizar investimentos, sem que isso compromettesse os gastos públicos.

No Brasil, elas são regulamentadas pela lei 11.079/2004 que funciona por meio de contratos entre parceiros privados e o setor público em troca de algum tipo de benefício fiscal ou financeiro. Em São Paulo, esse tipo de colaboração auxilia na partilha da zeladoria dos espaços públicos e está prevista em legislações específicas, como por exemplo, os Termos de Cooperação, inclusos no programa Adote uma Praça (Decreto Nº 57.583 de 23 de janeiro de 2017).

Através dessas iniciativas, começou a surgir na paisagem urbana de São Paulo a transformação de canteiros centrais, rotatórias verdes, calçadas e praças. Apesar de recentes e em observação, é possível notar que as novas propostas ainda pecam tanto na contribuição de novos projetos paisagísticos, quanto na manutenção dos existentes, principalmente no que se diz respeito à limpeza e poda das vegetações, permanecendo nesses espaços o distanciamento da população ao uso e apropriação que se espera e gerando questionamentos acerca das demandas ainda não solucionadas pelas PPPs.

2. O QUE É *PLACEMAKING*?

O conceito de *placemaking* entra nesse diálogo como uma possível resposta a essas dificuldades. Cunhado pela ONG estadunidense *Project for Public Spaces* (PPS), a

expressão surgiu como parte de uma definição de processos de desenhos colaborativos de espaços públicos que levam em conta os desejos, interesses e necessidades das comunidades locais, tornando ruas e praças lugares convidativos.

Segundo a metodologia divulgada pelo PPS, uma visão compartilhada do espaço consiste em olhar, ouvir e entrevistar as pessoas que vivem, trabalham e frequentam o espaço em estudo visando descobrir suas necessidades. Tais informações podem rapidamente evoluir para uma estratégia de implementação, começando em uma escala pequena, com melhorias ágeis que podem trazer benefícios para o espaço e para seus usuários.

Heemann e Santiago (2015), autoras do *Guia do Espaço Público*, definem que

Placemaking é, ao mesmo tempo, um conceito amplo e uma ferramenta prática para melhorar um bairro, uma cidade ou uma região. Com suas raízes na participação comunitária, abrange o planejamento, o desenho, a gestão e a programação de espaços públicos. Mais do que apenas criar melhores desenhos urbanos para esses espaços, facilita a criação de atividades e conexões (culturais, econômicas, sociais, ambientais) que definem um espaço e dão suporte para a sua evolução. (HEEMANN; SANTIAGO, 2015, p. 10)

Ainda segundo as autoras, o *Project for Public Spaces* colabora ao identificar onze princípios fundamentais para a transformação de qualquer local a partir desse conceito:

- I. Identificação de talentos presentes na própria comunidade que possam ajudar na sua transformação;
- II. Implementação de elementos físicos que gerem um visual confortável e acolhedor;
- III. Parcerias com comércios ou instituições locais;
- IV. Olhar apurado para observar as atividades que funcionam ou não no espaço;
- V. Visão específica que identifique os usos do local e defina quais estratégias levam a criação de lugares cujas pessoas queiram estar;
- VI. Experimentações através de melhorias à curto prazo de modo simples, rápido e barato;

- VII. Escolha e disposição de elementos de modo inteligente para conceber processos de triangulação, como o caso de bancos, playgrounds e lixeiras posicionados próximos a um carrinho de café, por exemplo, que garantam a aproximação e interação entre as pessoas no local;
- VIII. Superação de dificuldades impostas por órgãos públicos e burocracias, demonstrando a importância desses espaços através de implementações comunitárias em pequena escala;
- IX. Levar em consideração todos os elementos que compõem a forma do espaço além do design, como as ideias da comunidade, críticas e experimentações;
- X. Entusiasmar as pessoas da comunidade com o projeto de modo que compreendam que os custos financeiros são menos significativos que os benefícios das mudanças ao lugar;
- XI. Promover aberturas às futuras mudanças que o local possa demandar a partir de gestões flexíveis;

2.1 Iniciativas de aplicação do *placemaking* em São Paulo: a importância da participação da sociedade civil

Apesar do nome do conceito ainda ser pouco conhecido e difundido nas cidades brasileiras, é possível observar movimentos de transformações que carregam sua filosofia. Na cidade de São Paulo, atrelados também às novas dinâmicas comuns do século XXI, como a crescente interação nas redes sociais, a movimentação de comunidades interessadas em requalificar os espaços públicos de sua proximidade tem sido impactante na escala dos bairros. Dentre as diversas contribuições de grupos de moradores e comerciantes, a cidade tem ganhado hortas comunitárias, plantio de árvores em canteiros urbanos e até pintura de escadarias. Apesar de algumas ações ainda serem informais, muitas já ganharam o apoio de empresas privadas e licenças junto à Prefeitura que auxiliam na manutenção desses espaços.

Concomitantemente, tem crescido na cidade a presença de empresas que se especializam em oferecer transformações aos espaços públicos da cidade. Exemplo disso é a iniciativa “Cidades.co”, que atua diretamente no auxílio técnico e estratégico de comunidades interessadas em melhorar a qualidade de suas ruas, praças e parques através de sub plataformas “Ruas.co”, “Praça.co”, “Parques.co”. De acordo com seu manifesto, a missão da empresa é gerar impactos positivos na sociedade,

ser financeiramente sustentável e capaz de caminhar por diferentes contextos políticos.

Pioneira, a plataforma “Praças.co” existe como parte da empresa desde o ano de 2016 e já atuou em mais de 10 praças da cidade de São Paulo, conseguindo se sustentar financeiramente através de taxas que são cobradas a partir do modelo de financiamento adotado por cada mobilização. Ao analisar algumas das praças contempladas há mais tempo pela empresa, percebem-se resultados bem-sucedidos de transformações que, além das melhorias físicas do espaço, concebem a união de vizinhanças em uma contínua preservação da vitalidade do local através de mobilizações e atividades.

Dentro do contexto do *placemaking*, as plataformas do “Cidades.co” e todas as demais iniciativas de coletivos urbanos independentes se apresentam como alternativa de resposta à principal dificuldade encontrada na gestão de grande parte dos espaços públicos paulistanos: sua dependência, quase que exclusiva de recursos, processos burocráticos e tomadas de decisão por parte do poder público.

3. ESTUDOS DE CASO

De modo a analisar a aplicação do conceito de *placemaking* na cidade de São Paulo, foram analisadas duas praças: Horácio Sabino e Victor Civitá, ambas localizadas na zona oeste paulistana numa distância de 2,9 km. Apesar de próximas, passaram por processos de apropriação muito distintos, consequentes de suas administrações e características.

3.1 A Praça Horácio Sabino

Por muito tempo degradada e subutilizada, a praça começou a inspirar mudanças no ano de 2012 com a criação da Associação Praça Horácio Sabino (PRHOSA). Após anos de burocracia junto à prefeitura, a revitalização do espaço começou em 2016 através de um termo de cooperação e financiamento dos próprios moradores da região. O projeto da mudança foi doado pela arquiteta Rosa Kliass, autora do projeto original de 1960, não executado inteiramente devido às intervenções militares do governo da época.

O projeto paisagístico foi importante para a organização dos novos equipamentos que seriam implantados, mas a mudança contou também com a forte participação da comunidade local. Graças as mobilizações dos moradores, a praça ganhou o apoio da plataforma “Praças.co” para cuidar de toda burocracia, execução técnica e orientação das mudanças desejadas.

Está localizada no Jardim das Bandeiras, um bairro com muitos equipamentos urbanos, principalmente de cultura e educação. Além disso, está inserida em um contexto de ocupação urbana predominante de até três pavimentos e uso do solo em sua maioria residencial, o que indica que os moradores da região possam necessitar de espaços de lazer fora de suas residências. Sua inserção também é favorável por estar a menos de cem metros de uma via arterial importante, a Rua Heitor Penteado, com grandes quantidades de ponto de ônibus e estações de metrô, que podem atrair fluxo de pedestres influenciados por esses transportes coletivos.

Com quase quinze mil metros quadrados, os únicos gradis da praça são baixos e servem para setorizar algumas atividades, como o playground de crianças mais novas e equipamentos de ginástica. O espaço também é repleto de bancos, lixeiras, gramados e arborizações com vastas áreas para piqueniques, brincadeiras infantis e até eventos comunitários.

A praça tem um perfil em uma rede social onde engaja os moradores locais e divulga desde eventos coletivos que acontecem no local, como festas temáticas, a avisos de incidentes. Seus usuários mais frequentes são famílias com crianças, idosos, *skatistas* e pessoas passeando com seus animais de estimação. Comparada a outras praças da cidade, a Horácio Sabino tem uma manutenção regular e eficiente que atende as demandas de limpeza do local.

Por ser um espaço com vitalidade e participação comunitária em sua gestão, a praça Horácio Sabino se apresenta como uma aplicação bem-sucedida do conceito de *placemaking*, servindo de exemplo para o processo de requalificação de muitos dos espaços públicos paulistanos que ainda não encontraram meios de superar os desafios de sua boa manutenção.

3.2 A Praça Victor Civitá

Localizada em um antigo terreno de solo contaminado no bairro de Pinheiros, ao lado do rio de mesmo nome, a praça Victor Civitá passou por um intenso processo de resgate iniciado no ano de 2001 através de diálogos entre representações públicas e privadas. Em 2008, com o patrocínio da Editora Abril – sediada em um edifício logo em frente ao terreno -, o escritório Levisky Arquitetos Associados em parceria com a arquiteta Anna Julia Dietzsch concebeu a transformação total do espaço, que ganhou um novo desenho paisagístico e programa de usos.

Ao longo de sua existência a praça pioneira de um cenário de gestão compartilhada do espaço público recebeu o compromisso de diversas iniciativas privadas que passaram a diminuir à medida que as crises econômicas do país cresciam. A principal perda, no entanto, foi quando a Associação de Amigos da Praça Victor Civitá, composta por moradores e empresários locais foi dissolvida. Esta, segundo Adriana Levisky (autora do projeto), era responsável pela garantia de manutenção, segurança, limpeza, e programação esportiva, cultural, educacional focada em sustentabilidade ambiental e social.

Apesar de seu projeto paisagístico continuar sendo um grande destaque, o espaço da praça atualmente é subutilizado e passa por novos processos de reativação. O maior engajamento vem do grupo de aulas de Yoga da praça, que além de usar seu espaço para a prática do exercício diariamente, também mobiliza vizinhos e comerciantes da redondeza a repensar o cuidado do espaço.

Com cerca de treze mil quilômetros quadrados, a praça ocupa um dos lotes no meio da quadra onde está inserida. Seu único acesso se dá pela abertura lateral do gradil que não apenas a limita, mas também acaba inibindo a entrada das pessoas. A região onde está inserida conta com diversos tipos de equipamentos urbanos, como corpo de bombeiros, postos de saúde e escolas, inclusive em seu entorno imediato. A ocupação urbana de sua redondeza é principalmente de até três pavimentos, com alguns edifícios residenciais e corporativos acima de dez pavimentos, e seu uso do solo é misto entre comércio, serviços e residências. Ao lado de um terminal intermodal de trem, metrô e ônibus, o acesso da praça por transporte público é muito favorável,

mas sua proximidade a menos de duzentos metros de uma via arterial de alta velocidade intimida o passeio de pedestres.

A configuração do seu espaço conta com vastas áreas verdes e trechos de *deck*, sombreados ora por coberturas, ora por algumas árvores. Dentre seus equipamentos estão uma generosa arquibancada, aparelhos de ginásticas e um escondido playground. Existem também algumas edificações de apoio a atividades, com banheiros e salas de acesso restrito, além de um museu. A ideia era que o principal atrativo do local fosse as diversas soluções sustentáveis de seu projeto, entretanto, o principal uso do espaço é voltado a prática de atividades físicas e artísticas.

Somando-se ao abandono do patrocínio privado na manutenção da praça, seu declínio também ocorreu devido a fatores como a limitação do local através do gradil, a pouca oferta de equipamentos livres e principalmente, a falta de apropriação da população perante aquele espaço. Afinal, gerir um espaço a partir do conceito do *placemaking* é uma tarefa complexa que exige, mais do que investimento financeiro e engajamento, persistência e paciência.

4. ANÁLISE COMPARATIVA: PRAÇA HORÁCIO SABINO X VICTOR CIVITÀ

Cruzando as informações obtidas nas duas praças, observa-se que na Horácio Sabino houve uma apropriação intensa da população durante todo o processo de sua transformação, enquanto a Victor Cività sofreu abandono após a perda do patrocínio privado. Isso ilustra quão frágil se torna uma administração dependente de uma única iniciativa, como era o caso da participação público-privada que acontecia nesta última.

Concomitantemente, a configuração desses dois espaços tem características físicas bem diferentes. Enquanto a praça Horácio Sabino está localizada no centro de uma região predominantemente residencial, sem muros para o seu acesso e com oferta de equipamentos para crianças e adultos, a praça Victor Cività está bem ao lado de uma via de trânsito rápido e com entorno imediato predominantemente comercial, o que acaba condicionando sua restrição de acesso através de um gradil. A praça torna-se também pouco convidativa devido ao desequilíbrio entre suas áreas livres e ofertas de equipamentos de lazer.

O engajamento da sociedade civil na participação da administração da praça Horácio Sabino é muito mais evidente do que na Victor Civitá, que parece ter perdido, em algum momento, a relação da comunidade no seu processo de revitalização. Independente da fonte da verba de manutenção de um local, a ausência de uma participação contínua da população compromete a sua vitalidade. A falta da relação de pertencer, cuidar e identificar-se com esses espaços são os fatores principais que contribuem para a sua degradação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da percepção da crescente degradação dos espaços públicos da cidade de São Paulo, o presente estudo identificou que as principais dificuldades da manutenção e gestão desses locais estão atreladas tanto à dependência quase que exclusiva de iniciativas públicas, quanto ao distanciamento da população em sua apropriação. Assim, ressaltou-se a importância da aproximação da comunidade na concepção desses espaços através de gestões participativas. O conceito de *placemaking* pode auxiliar nessas demandas já que propõem através do engajamento social o planejamento e gestão de lugares que se tornem cada vez mais agradáveis e atrativos.

A partir dos estudos dos processos de transformação das praças, pode-se afirmar que quando aplicado como uma ferramenta prática, o *placemaking* pode efetivamente contribuir para a requalificação e reestruturação de espaços públicos subutilizados, como aconteceu no caso bem-sucedido da Praça Horácio Sabino.

REFERÊNCIAS

BARTALINI, Vladimir. Áreas verdes e espaço livres urbanos. **Paisagem e Ambiente**, n. 1-2, p. 49-56, 10 dez. 1986. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133974>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

BRITO, Bárbara Moreira Barbosa de; SILVEIRA, Antonio Henrique Pinheiro. Parceria público-privada: compreendendo o modelo brasileiro. **Revista do Serviço Público Brasília** 56 (1): 7-21. Jan/Mar 2005.

CALLIARI, Mauro Sérgio Procópio. **Espaços públicos de São Paulo: o resgate da urbanidade**. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

CIDADES.CO. **Praças.co**. Página inicial. Disponível em: <<https://www.pracas.co/>>. Acessado em: 18 ago. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano, O**. 4. ed. [S.l.]: Ática/Atena, 2000.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

HEEMANN, Jeniffer; SANTIAGO, Paola C. **Guia do espaço Público: Para inspirar e transformar**. São paulo: 2015.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

HÖFLING, ELOISA DE et al. Estado e políticas (públicas) sociais. **Cadernos Cedes**, 2001.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011.

Minha querida e saudosa praça Victor Civitá. **Levisky Arquitetos**. Disponível em: <<https://leviskyarquitetos.com.br/minha-querida-e-saudosa-praca-victor-civita/>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MORETTI, Juliene; QUINTELLA, Sérgio; DE ASSIS, Tatiane. Quintal Bem Cuidado. **Veja São Paulo**. São Paulo, 9 jan. 2019.

OLIVEIRA, Luciana; PISANI, Maria Augusta Justi. Os Espaços Públicos de Propriedade Privada: Os POPS de Nova York. **Revista Paisagem e Ambiente: Ensaios**. n.39. 2017. p. 113-132.

Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch. **Archdaily**. 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

Project For Public Spaces: Disponível em < <https://www.pps.org/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

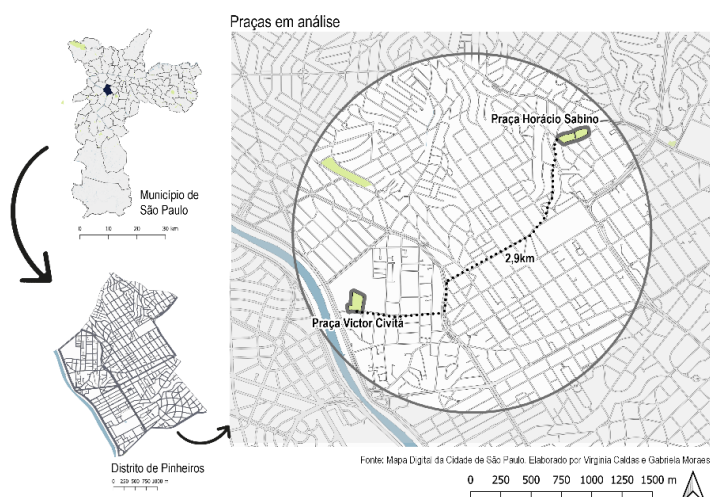
REIS, Elisa Maria Pereira. O Estado nacional como ideologia: o caso brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, 1988.

SÃO PAULO; URBANISMO, São Paulo; URBANO, Secretaria Municipal de Desenvolvimento. **Guia de Boas Práticas dos Espaços Públicos de São Paulo.** São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2016/12/2017-02-03-visualizacao.pdf>>. Acessado em: 10 mar. 2019.

_____; **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo:** lei municipal nº 16.050, de 31 de julho de 2014; texto da lei ilustrado. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/texto-da-lei-ilustrado/>>. Acessado em: 10 jan. 2019.

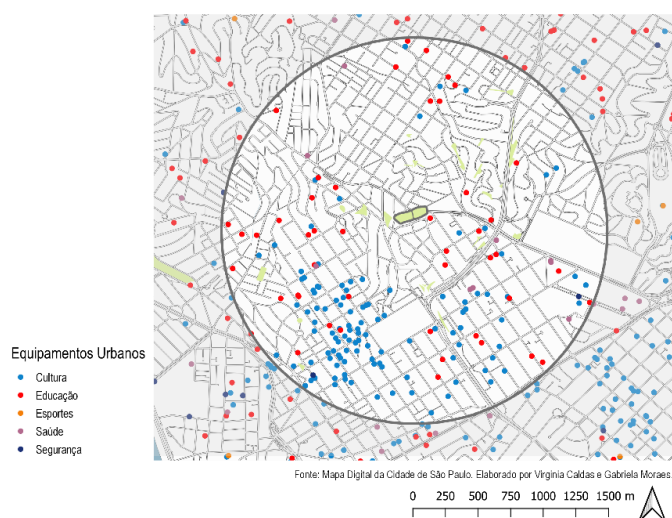
_____; **Programa Adote Uma Praça:** Decreto nº 57.583 de 23 de janeiro de 2017 . São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/upload/ipiranga/arquivos/Termo.pdf>>. Acessado em: 16 jan. 2019.

ANEXO A



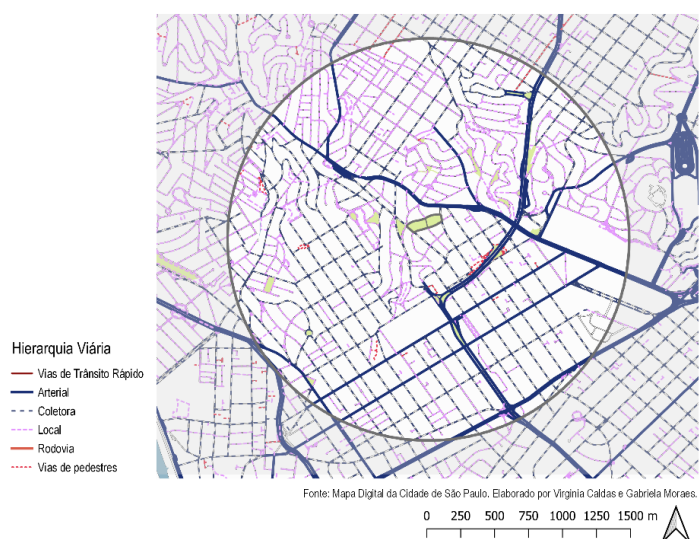
Localização das praças de Estudo. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO B



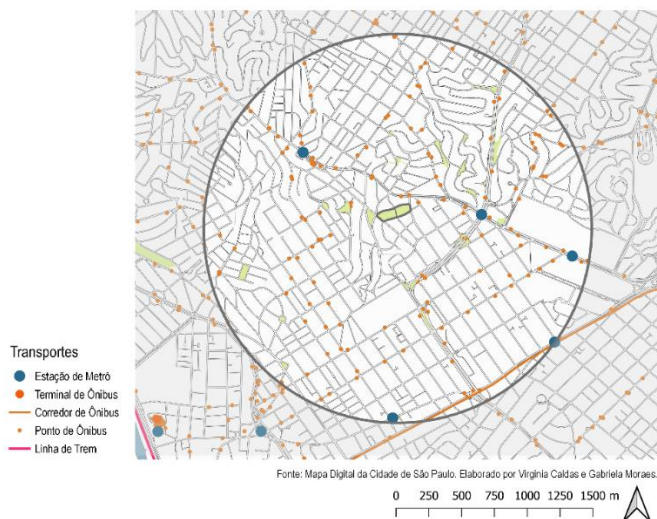
Análise Equipamentos Urbanos – Praça Horácio Sabino. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO C



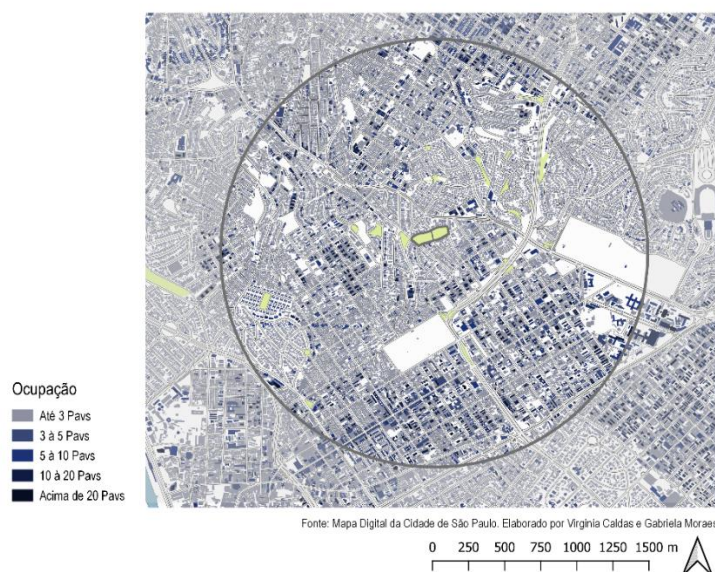
Análise Hierarquia Viária – Praça Horácio Sabino. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO D



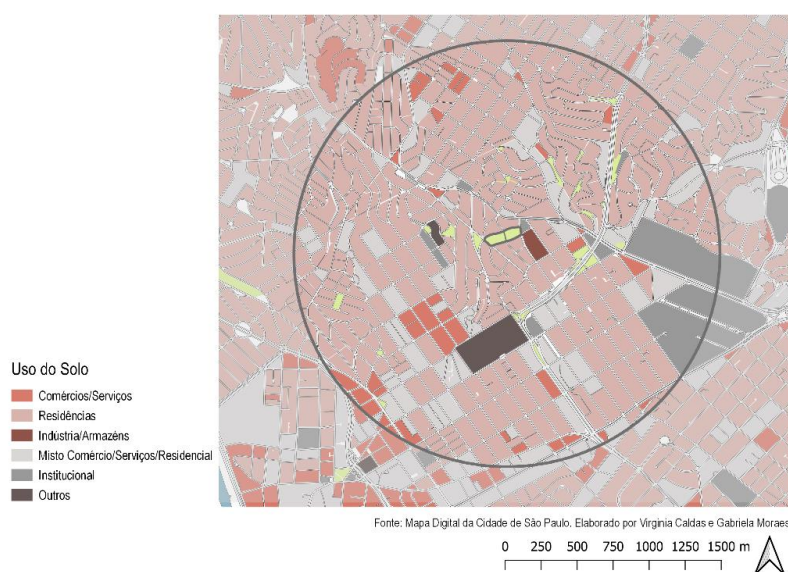
Análise oferta de transportes – Praça Horácio Sabino. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO E



Análise Ocupação Urbana – Praça Horácio Sabino. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO F



Análise Uso do Solo – Praça Horácio Sabino. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO G

QUAPA Praça Horácio Sabino		Jardim das Bandeiras, São Paulo - SP	
Endereço		Bairro	
Rosa Kläss	Associação PRHOSA em parceria com a Pref	Década de 1960	2016
Autor do Projeto	Responsável pela reforma	Data do projeto	Data da reforma
Virginia Caldas		Gabriela Moraes	Visita Técnica
Autor das fotos	12/04/2019	12/04/2019	Fonte dos dados
Virginia Caldas, Gabriela Moraes		Sexta-feira	
Pesquisadores - Levantamento	Data do levantamento	12/04/2019	Diário da Semana
			<input type="checkbox"/> Feriado <input type="checkbox"/> Manhã <input checked="" type="checkbox"/> Tarde

CONFIGURAÇÃO	ELEMENTOS COMPLEMENTARES	ATIVIDADES	EDIFICAÇÃO
<input type="checkbox"/> Cercamentos (muro/gradil)	<input type="checkbox"/> Campo de futebol	<input checked="" type="checkbox"/> Atividade esportiva	<input type="checkbox"/> Centro cultural
<input checked="" type="checkbox"/> Edificações	<input type="checkbox"/> Campo de malha	<input checked="" type="checkbox"/> Atividade infantil	<input type="checkbox"/> Construção histórica
<input checked="" type="checkbox"/> Espaços temáticos	<input type="checkbox"/> Cancha de bocha	<input checked="" type="checkbox"/> Contemplação	<input type="checkbox"/> Escola
<input checked="" type="checkbox"/> Escadaria	<input type="checkbox"/> Ciclovia	<input type="checkbox"/> Eventos culturais / cursos	<input type="checkbox"/> Igreja / Capela
<input type="checkbox"/> Chão batido	<input type="checkbox"/> Equipamentos de ginástica	<input type="checkbox"/> Eventos políticos / cívicos	<input type="checkbox"/> Museu
<input type="checkbox"/> Pisos processados	<input checked="" type="checkbox"/> Hallpipe (skate)	<input type="checkbox"/> Eventos religiosos	<input type="checkbox"/> Sede / Administração
<input type="checkbox"/> Recantos sinuosos	<input type="checkbox"/> Mesas para jogos	<input type="checkbox"/> Feira permanente	<input type="checkbox"/> Teatro
<input checked="" type="checkbox"/> Rede de caminhos	<input type="checkbox"/> Pistas de cooper	<input type="checkbox"/> Feira temporária	<input type="checkbox"/> Guarita
<input type="checkbox"/> Arvoredo esperso	<input type="checkbox"/> Quadras esportivas	<input checked="" type="checkbox"/> Recreação	<input type="checkbox"/> Posto Policial
<input type="checkbox"/> Bosque	<input type="checkbox"/> Trilha	<input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Posto médico
<input checked="" type="checkbox"/> Gramado	<input type="checkbox"/> Parque de diversões	<input type="checkbox"/> Peculiaridades:	<input type="checkbox"/> Sanitários
<input checked="" type="checkbox"/> Vegetação	<input checked="" type="checkbox"/> Playground	<input type="checkbox"/> Área central	<input type="checkbox"/> Vestibulares
<input type="checkbox"/> Manchas de arbustos	<input type="checkbox"/> Anfiteatro	<input type="checkbox"/> Área comercial	<input type="checkbox"/> Outros
<input type="checkbox"/> Machas floridas	<input type="checkbox"/> Arquebanca	<input type="checkbox"/> Área industrial	
<input type="checkbox"/> Córrego	<input type="checkbox"/> Concha acústica	<input type="checkbox"/> Área mista	
<input type="checkbox"/> Lago	<input type="checkbox"/> Palco	<input checked="" type="checkbox"/> Área residencial	
<input type="checkbox"/> Praia	<input type="checkbox"/> Viveiro de animais	<input type="checkbox"/> Área semi rural	
<input type="checkbox"/> Rio	<input type="checkbox"/> Viveiro de mudas	<input type="checkbox"/> Região de praia	
<input type="checkbox"/> Outros	<input type="checkbox"/> Ponto de ônibus	<input type="checkbox"/> Interna <input type="checkbox"/> Beira mar	
	<input type="checkbox"/> Ponto de táxi	<input type="checkbox"/> Limite urbano	
		<input type="checkbox"/> Região rural	
		<input type="checkbox"/> Região de mata	
		<input type="checkbox"/> Vizinhos a corpos d'água	
		<input type="checkbox"/> Horizontalizado	
		<input checked="" type="checkbox"/> Semi verticalizado	
		<input type="checkbox"/> Verticalizado	

Análise Configuração do Espaço – Praça Horácio Sabino. Elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO H



Imagem: Vazio Central - Praça Horácio Sabino – Autoria: Virginia C. L. B. Caldas

ANEXO I



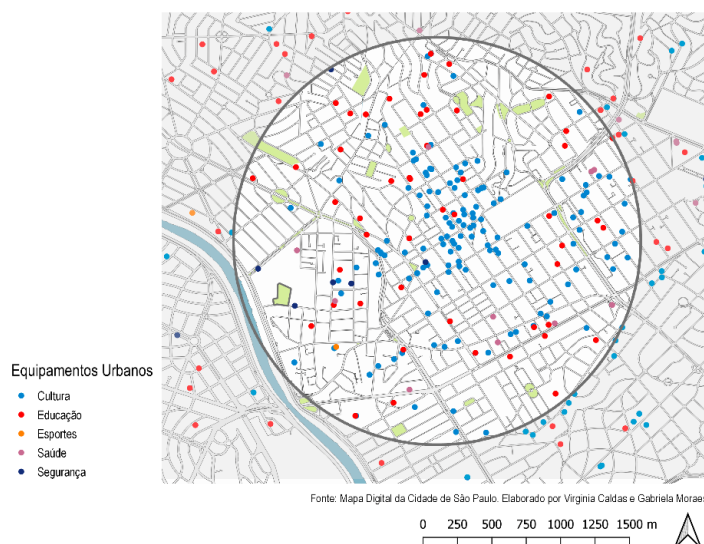
Imagem: Parquinho - Praça Horácio Sabino –
Autoria: Virginia C. L. B. Caldas

ANEXO J



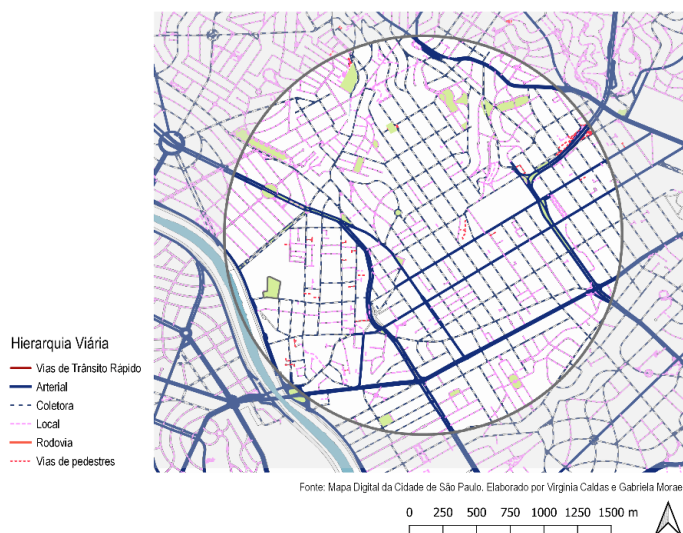
Imagem: Equipamentos Urbanos - Praça Horácio Sabino –
Autoria: Virginia C. L. B. Caldas

ANEXO K



Análise Equipamentos Urbanos – Praça Victor Civitá. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO L



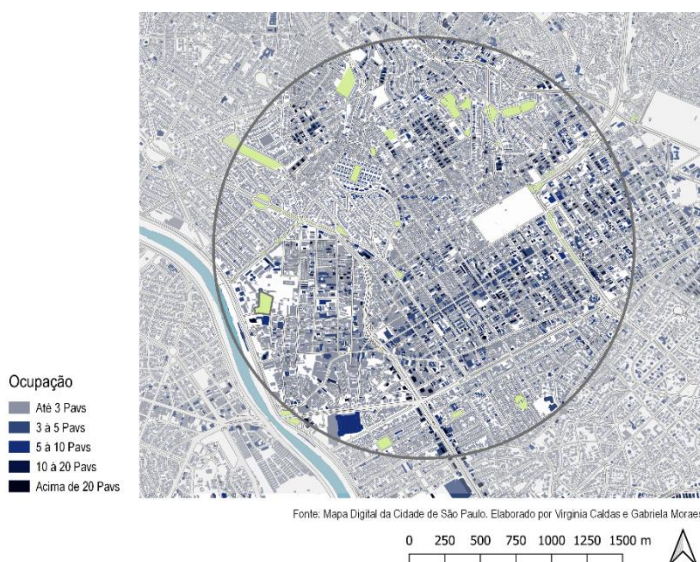
Análise Hierarquia Viária – Praça Victor Civitá. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO M



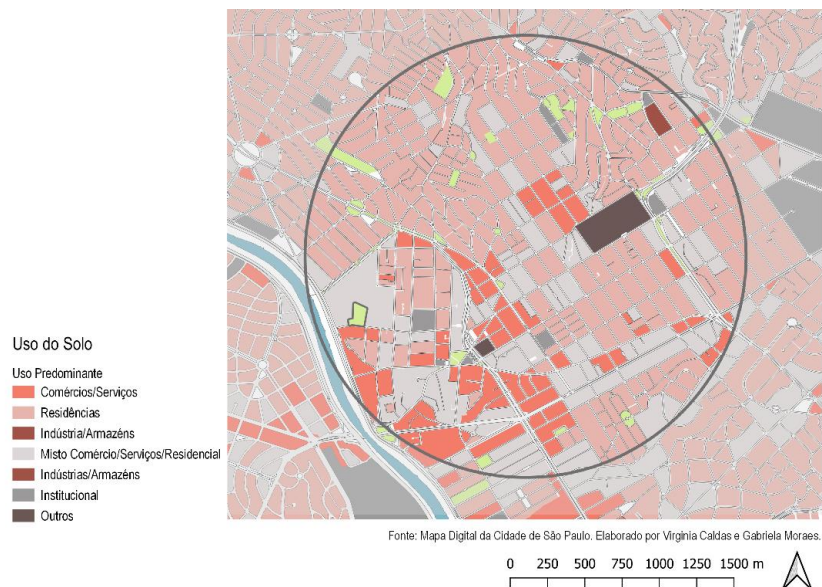
Análise Transportes – Praça Victor Civitá. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO N



Análise Ocupação Urbana – Praça Victor Civitá. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO O



Análise Uso do solo – Praça Victor Civita. Fonte: Mapa Digital da Cidade, elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO P

QUAPA		Praça Victor Civita		Pinheiros, São Paulo - SP	
Endereço: Levisky Arquitetos Associados e Anna Julia Dietzsch		Editora Abril, População local em parceria com a Pref.		Bairro	
Autor do Projeto: Virginia Caldas		Responsável pela reforma: 15/04/2019		Data do projeto: 2007	
Autor das fotos: Virginia Caldas, Gabriela Moraes		Data das fotos: 15/04/2019		Data da reforma: 2008	
Pesquisadores - Levantamento		Fonte dos dados: Segunda-feira		Área do projeto: 13.000m²	
		Dia da Semana: <input type="checkbox"/> Feriado <input checked="" type="checkbox"/> Manhã <input type="checkbox"/> Tarde		Área da reforma: 13.000m²	
CONFIGURAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Cercamentos (muro/gradil) <input type="checkbox"/> Edificações <input type="checkbox"/> Espaços temáticos <input type="checkbox"/> Escadaria <input type="checkbox"/> Chão batido <input type="checkbox"/> Desenho de piso <input type="checkbox"/> Fios processados <input type="checkbox"/> Recantos sinuosos <input type="checkbox"/> Rede de caminhos <input type="checkbox"/> Arvoredo esparsos <input type="checkbox"/> Bosque <input type="checkbox"/> Gramado <input type="checkbox"/> Vegetação <input type="checkbox"/> Manchas de arbustos <input type="checkbox"/> Machos floridas <input type="checkbox"/> Córrego <input type="checkbox"/> Lago <input type="checkbox"/> Praia <input type="checkbox"/> Rio <input type="checkbox"/> Outros 		ELEMENTOS COMPLEMENTARES <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Campo de futebol <input type="checkbox"/> Campo de malha <input type="checkbox"/> Cancha de bocha <input type="checkbox"/> Ciclovias <input type="checkbox"/> Equipamentos de ginástica <input type="checkbox"/> Halfpipe (skate) <input type="checkbox"/> Mesas para jogos <input type="checkbox"/> Pista de cooper <input type="checkbox"/> Quadras esportivas <input type="checkbox"/> Trilha <input type="checkbox"/> Parque de diversões <input type="checkbox"/> Playground <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Arquibancada <input type="checkbox"/> Cancha acústica <input type="checkbox"/> Palco <input type="checkbox"/> Viveiro de animais <input type="checkbox"/> Viveiro de mudas <input type="checkbox"/> Ponto de ônibus <input type="checkbox"/> Ponto de táxi <input type="checkbox"/> Ambulantes <input type="checkbox"/> Banca (comércio/serviços) <input type="checkbox"/> Churrasqueiras <input type="checkbox"/> Lanchonete <input type="checkbox"/> Mesas para piquenique <input type="checkbox"/> Quiosque <input type="checkbox"/> Restaurante 		ATIVIDADES <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Atividade esportiva <input type="checkbox"/> Atividade infantil <input type="checkbox"/> Contemplação <input type="checkbox"/> Eventos culturais/cursos <input type="checkbox"/> Eventos políticos/cívicos <input type="checkbox"/> Eventos religiosos <input type="checkbox"/> Feira permanente <input type="checkbox"/> Feira temporária <input type="checkbox"/> Recreação <input type="checkbox"/> Outros 	
MANUTENÇÃO <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Manutenção boa <input type="checkbox"/> Manutenção média <input type="checkbox"/> Manutenção ruim 		CONVENIÊNCIAS <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Banco <input type="checkbox"/> Bebedouros <input type="checkbox"/> Bica <input type="checkbox"/> Iluminação <input type="checkbox"/> Lixeiras <input type="checkbox"/> Acesso a deficientes <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Escadarias <input type="checkbox"/> Estacionamento <input type="checkbox"/> Estufa <input type="checkbox"/> Gruta <input type="checkbox"/> Mirante <input type="checkbox"/> Pérgula <input type="checkbox"/> Ponte <input type="checkbox"/> Relógio <input type="checkbox"/> Relógio de Sol <input type="checkbox"/> Barco <input type="checkbox"/> Deck/pier <input type="checkbox"/> Espelho d'água <input type="checkbox"/> Fonte <input type="checkbox"/> Queda d'água (artificial) <input type="checkbox"/> Monumento <input type="checkbox"/> Escultura <input type="checkbox"/> Monumento grafites <input type="checkbox"/> Obelisco <input type="checkbox"/> Pórtico 		EDIFICAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Centro cultural <input type="checkbox"/> Construção histórica <input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> Igreja/Capela <input type="checkbox"/> Museu <input type="checkbox"/> Sede/Administração <input type="checkbox"/> Teatro <input type="checkbox"/> Guarita <input type="checkbox"/> Posto Policial <input type="checkbox"/> Posto médico <input type="checkbox"/> Sanitários <input type="checkbox"/> Vestiários <input type="checkbox"/> Outros 	
		USUÁRIOS <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Criança <input type="checkbox"/> Adolescente <input type="checkbox"/> Adulto <input type="checkbox"/> Idosos <input type="checkbox"/> Vendedores ambulantes 		OBSERVAÇÕES <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Horizontalizado <input type="checkbox"/> Semi verticalizado <input type="checkbox"/> Verticalizado 	

Análise Configuração do Espaço – Praça Victor Civita. Elaborado por Virginia C. L. B. Caldas e Gabriela Moraes Gomes.

ANEXO Q

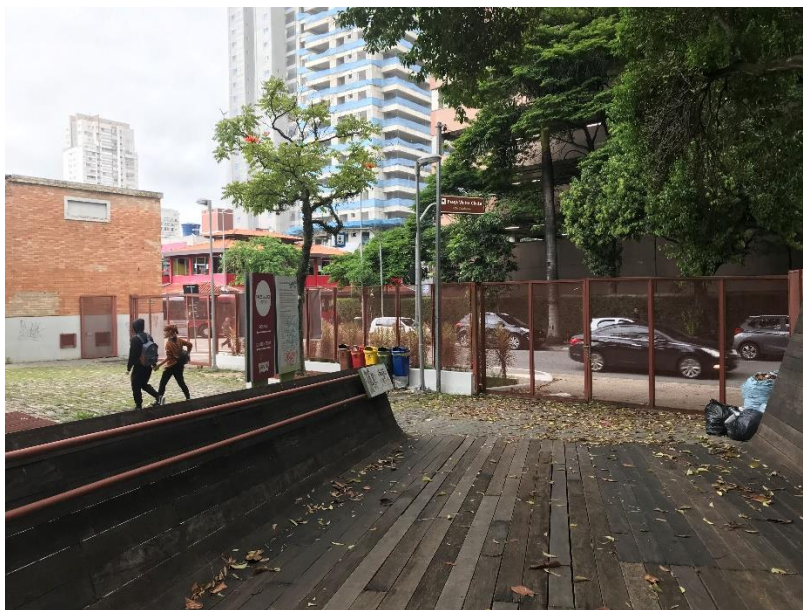


Imagem: Acesso Principal – Praça Victor Civita. Autoria: Virginia C. L. B. Caldas

ANEXO R



Imagem: Passarela principal – Praça Victor Civita. Autoria: Virginia C. L. B. Caldas

ANEXO S



Imagem: Equipamentos de Ginástica – Praça Victor Civita.

Autoria: Virginia C. L. B. Caldas